



A faialense Elisabete Faria é a única mulher açoriana nomeada pela Federação Portuguesa de Voleibol (FPV), para arbitrar jogos da primeira divisão nacional de voleibol.

Há cerca de 18 anos a representar a Associação de Desportos da Ilha do Faial (ADIF), em 2010 entrou na arbitragem nacional e desde então tem marcado presença regular nos jogos da primeira Divisão Masculina e feminina, como primeiro e segundo árbitro.

Em 2016, foi nomeada pela FPV, para arbitrar, como primeiro árbitro, o jogo entre AAS Mamede e SL Benfica referente ao Campeonato Nacional primeira Divisão Masculino que teve transmissão direta na Sport TV.

Com o TRIBUNA DAS ILHAS a árbitro faialense, partilhou as suas experiências na modalidade e as expectativas para sua carreira.

Susana Garcia

susana.tribunadasilhas@gmail.com

As diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho e não só, ainda persistem, mas são cada vez mais ténues, à medida que o sexo feminino se vai afirmando em profissões e ocupações que até há bem pouco tempo eram vistas como exclusivamente masculinas. As mulheres ocupam postos nos tribunais superiores, nos ministérios, na política, no topo de grandes empresas, nas forças armadas e até comandam tropas, etc.

Não há nada no mundo masculino que ainda não tenha sido conquistado pelas mulheres.

A arbitragem também é uma atividade onde as mulheres se têm imposto. E é mesmo nesta tarefa que Elisabete Faria tem vingado.

Aos 12 anos, iniciou-se no voleibol como jogadora principalmente por influência da família. O pai era treinador da equipa da Casa do Povo do Capelo, onde também, irmãs e primas jogavam e estavam de alguma forma envolvidas na modalidade.

Mais tarde e de uma "forma muito natural", como afirma, entra no mundo da arbitragem. Elisabete revela que começou por tirar o curso de treinadores promovido pela ADIF "para fazer o número necessário de candidatas à sua realização", embora depois "nunca

tenha exercido esse papel", avança. Depois surge o interesse em aprofundar o seu conhecimento sobre as regras da modalidade, um pouco também para "tentar colmatar uma necessidade que a ilha tinha em termos de árbitros com formação", refere.

A arbitragem entra assim na sua vida e veio para ficar. Elisabete Faria, assume essa função de alma e coração e entende que para ser bom árbitro "acima de tudo é preciso ter um bom conhecimento das regras, ser humilde e muito perseverante". Enquanto árbitro, a faialense considera-se "rigorosa e empenhada", tenta ser sempre "imparcial e o mais justa possível".

Ser árbitro "nunca é fácil", seja em que modalidade for, reconhece, no entanto, é uma atividade "muito aliciante e gratificante!", confessa a faialense que nunca sentiu que o facto de ser mulher tenha, de alguma forma limitado a sua progressão na carreira. "Ser ou não mulher nunca me condicionou no caminho da arbitragem, embora seja uma realidade que existe muitos mais homens a desempenhar o papel...". No entender de Elisabete esta realidade deve-se essencialmente "ao papel da mulher no seio de uma família e na sociedade e não em dificuldades acrescidas ao sexo feminino no desempenho da função de árbitro de voleibol", considera.

Desde 2010 que Elisabete passou à categoria de árbitro nacional "ou como se designa atualmente, de nível 3", que lhe permite apitar desde os jogos de minis na ilha, a jogos do campeonato nacional da A1.

Apesar de ter conseguido atingir este patamar da arbitragem nacional, a faialense, considera que o facto de viver em ilhas, nomeadamente no Faial tem "condicionado por completo" a sua progressão na carreira. "Independentemente do potencial, disponibilidade e dedicação que cada um de nós possa ter, a prática é fundamental", afirma.

A este respeito a árbitro de voleibol, sustenta que "somos nomeados sobretudo para os jogos que decorrem nos Açores, por questões económicas, como é óbvio, embora também surjam algumas oportunidades para ir ao continente". Contudo, acrescenta, "ficamos muito aquém das nomeações e de

jogos que os nossos colegas de lá têm a oportunidade de fazer".

Elisabete Faria tem os pés bem assentes na terra, enquanto árbitro deseja continuar a apitar por mais uns anos "sempre e cada vez melhor e que novas e oportunidades para bons jogos e provas surjam...". "Gostava de ter a oportunidade de fazer jogos ao mais alto nível nacional, sobretudo ser nomeada para os jogos ditos complicados ou mais difíceis", uma vez que uma carreira enquanto árbitro internacional, está fora das ambições.

A faialense explica que para chegar a esse patamar teria que tirar o curso de árbitro internacional, antes dos 40 anos e fazer muitos jogos da I Divisão no Continente e nesta altura isso já não é conciliável.

Segundo Elisabete Faria para se fazer uma boa arbitragem é preciso "sentir o jogo", "viver o jogo para perceber quando devemos marcar uma falta de forma a não prejudicar o encontro" e perceber se "devemos ser ou não mais rigorosos".

A árbitro nacional, admite que muitas vezes quando acaba um jogo, fica com a sensação de que a sua arbitragem não foi a melhor. A faialense admite ser muito "crítica" em relação a si própria. "Independentemente de já ter feito bons jogos, nunca fiz e creio que não existe a arbitragem perfeita", sustenta.

Relativamente aos jogos mais difíceis de arbitrar, Elisabete Faria, avança que "sempre que o desafio sobe de patamar o nível de dificuldade sobe, muitas vezes não pela dificuldade do jogo, mas sim pela margem de erro que é permitida". "Por mais incrível que possa parecer, os jogos mais difíceis de dirigir têm sido ao nível da Zona Açores Masculinos", sublinha.

Elisabete Faria, não esconde o entusiasmo e paixão que tem pela atividade e o prazer que sente quando comanda um encontro. Questionada sobre que jogos mais gostade arbitrar, a faialense refere que "são todos", desde os minis aos seniores. No campo, sente-se como uma criança numa loja de doces, e não esconde que a adrenalina associada a esse momento é viciante.

"A sensação de os superar é muito boa. Em todos os escalões e patamares consegue-se aprender e tirar

algo de bom", salienta.

Elisabete tem bem presente na sua memória, cada momento, cada desafio conquistado, cada degrau que subiu. "Lembro-me e marcou-me o primeiro jogo que arbitrei, o primeiro regional que fiz, a primeira saída aos nacionais, etc.". "Todos os jogos marcam quando nós damos importância, nos dedicamos e empenhamos naquilo que fazemos com gosto", refere.

Relativamente à preparação que faz antes de cada jogo, a árbitro faialense, revela que, tenta sempre descansar antes, evita as bebidas, principalmente as com álcool, "nem café", admite, para não perder a concentração. "Chego sempre cedo ao local do jogo e penso no desafio apenas depois de lá estar". Elisabete refere ainda que também evita saber a importância que o jogo tem, nomeadamente, em termos de classificação assim como tenta não conversar ou trocar impressões sobre as equipas, para que a informação recebida não coloque pressão sobre o jogo.

Representar a ADIF nestas competições é também um motivo de orgulho para a árbitro faialense. "Cada

vez que me pedem a identificação, faço sempre questão de soletrar que venho da "Associação de Desportos da Ilha do Faial", pois para além "reforçar a associação que represento também indica o nome da ilha à qual pertença".

Reconhecendo o apoio da associação Elisabete afirma, "se não fosse a ADIF não estaria onde estou, nunca tinha dado o passo que dei". "Dá-me muito gozo ser uma mulher árbitro a representar as ilhas, nomeadamente a ADIF e o Faial nas competições nacionais", salienta.

Instada a pronunciar-se como viveu a experiência de ser nomeada pela Federação para arbitrar como primeiro árbitro o jogo entre a Académica de São Mamede e o Sport Lisboa e Benfica, referente ao campeonato Nacional da primeira Divisão Masculina, que teve transmissão em direto na Sport TV, os olhos de Elisabete brilham.

"Foi muito fixe", afirma. A faialense já tinha arbitrado outros jogos do nacional, mas este foi especial. "Inicialmente quando soube da nomeação, fiquei um pouco reticente, não pela dificuldade do jogo, mas porque sabia que ia ser observada e que a arbitragem tinha de correr mesmo bem", depois quando soube que o encontro ia ter transmissão em direto, aí sim, confessa "fiquei nervosa", mas seguiu os conselhos de algumas pessoas amigas e "proveitei o momento, coisa que inicialmente não percebia como seria possível".

No entanto, "no dia estava calmíssima e à medida que o fui entrando no jogo esqueci tudo o que estava à volta e correu muito bem".

A faialense disponibiliza grande parte do seu tempo a esta sua pai-



xão, que por vezes, é difícil conciliar a vida pessoal e a profissional. A este respeito não hesita em afirmar que "muitas vezes é difícil conciliar as três" e normalmente "quem fica a perder sou eu própria e a minha vida pessoal", no entanto Elisabete conta com o apoio da família, que compreendem esta sua relação com a arbitragem, assim como da sua entidade patronal que sempre facilita e torna possível as "minhas deslocamentos para fora da ilha", reconhece a árbitro faialense.